



Revista Portuguesa
de

irurgia

II Série • N.º 13 • Junho 2010

Página da SPC

Henrique Bicha Castelo

Presidente da Sociedade Portuguesa de Cirurgia

Dirijindo-me, pela primeira vez nesta condição, a todos os Colegas, faço-o através de três palavras simples.

A primeira, para vos recordar quanto foi cruel, para a nossa comunidade cirúrgica, em geral, e para a Sociedade Portuguesa de Cirurgia, em particular, este início de ano de 2010.

Quase em simultâneo, vimo-nos privados do convívio físico de duas Personalidades de Referência da Cirurgia Nacional, o Prof. Doutor Jaime Celestino da Costa e o Prof. Doutor Amadeu Pimenta.

De gerações e Escolas diferentes, tinham em comum o facto de ambos *se terem dado à cirurgia* e aos doentes, serem Cirurgiões Académicos, Professores Catedráticos e Presidentes da nossa Sociedade.

Este número da Revista presta-lhes uma singela Homenagem em dois textos, *In Memoria*, bem ilustrativos da Condição Humana das suas Personalidades.

Mais benévola para com o Professor Jaime Celestino da Costa, permitindo-lhe usufruir uma excelente condição física e intelectual até quase ao fim do seu caminhar, longo de 94 anos, a vida foi pérfida para com o Amadeu Pimenta.

A começar por o ter *ferido*, gravemente, durante um dos *tempos* em que mais se realizava e por, tão precocemente, nos ter privado do seu convívio, no auge da sua Carreira Académica e no exercício da missão que, há dois anos, lhe tínhamos confiado, quando o elegemos Presidente da Sociedade Portuguesa de Cirurgia.

O XXX Congresso Nacional de Cirurgia decorreu, por isso, num ambiente diferente, nostálgico pela falta do Presidente que há pouco tinha partido e sem os rituais festivos que a *passagem de testemunho* sempre favorece.

A segunda palavra é para, em meu nome e no de todos os restantes Membros da Direcção, agradecer a confiança que os Colegas em nós depositaram, quando nos mandataram para conduzir a Sociedade Portuguesa de Cirurgia durante o próximo biénio.

A terceira e última palavra é para reforçar o compromisso que assumimos e que agora reafirmo, sobre o que pensamos e, sinteticamente, o que queremos fazer.

Além do Congresso Nacional e das, clássicas e já tradicionais, Reuniões e Sessões inter-Congressos, o nosso maior empenho será o reforço dos Programas de Formação Continuada, com Módulos em Cadáver e a consolidação institucional do nosso relacionamento Internacional.

Iniciaremos a reflexão que, sem limites temporais imediatos, pretendemos seja profunda, serena e profícua, sobre *credenciação* das acções formativas, bem como sobre *modelos de organização* dos Serviços Hospitalares que, valorizando capacidades e reconhecimento de competências, possam vir a permitir a sua *referenciação* técnica e científica.

Uma última nota para vos dizer, com clara e objectiva frontalidade, que a qualidade, motivação e entusiasmo de todos que constituem a Equipa que me deu a honra de me acompanhar neste *tempo de missão* é, para mim, garantia bastante de que saberemos honrar os compromissos que convosco assumimos.



Alocação lida na Cerimónia de Abertura do Congresso Nacional da Sociedade Portuguesa de Cirurgia, 8 de Março de 2010

“Texto preparado pelo Presidente da Sociedade Portuguesa de Cirurgia, Prof. Amadeu Pimenta, para ser por ele lido na ocasião da abertura do Congresso”

Diz Tomás de Kempis, monge holandês do Séc. XIV, que “*O conhecimento, todo ele, tem um risco: o de fascinar*”, e avisa-nos: “*quando acreditaras convictamente no teu muito saber, lembra-te que ele é pouca coisa quando o colocas perto do que ignoras*”

Exma. Senhora Ministra da Saúde, as minhas primeiras palavras são dirigidas a V.^a Ex.^a para apresentar as minhas desculpas, mas só razões de força maior me impedem de estar presente.

Mais uma vez aqui nos reunimos com prazer. Mas, desta feita, acresce demarcar que o fazemos por altura do XXX Congresso desta Sociedade. Os que a fizeram nascer, assim como os que a ajudaram a crescer e a manter, podem e devem estar orgulhosos dela. A fonte deste rio vinha de uma nascente boa e abundante, os afluentes que o engrossaram também, e até as pequenas gotas de chuva que foram caindo o ajudaram a manter. Parece que podemos olhar para o rio, lembrar a nascente e esperar com tranquilidade que ele continue a crescer e a correr nos tempos das gerações futuras, pois há bons continuadores.

No que a um homem diz respeito, trinta anos de vida representam a plenitude. No entanto, como em tudo na vida, conforme as culturas e o modo de pensar há opiniões diferentes.

Se olharmos para a estatueta de Confúcio, vemos a representação de um idoso de longa barba branca. Porque para os chineses, a sabedoria plena do homem é mais lá para o fim da vida.

Em qualquer dos casos, sabemos que ela nunca é atingida, pelo que podemos afirmar que todos têm um pouco de razão nos seus modos de encarar o conhecimento científico, ou o outro, aquele que é muito mais vasto e sem horizontes.

Na minha opinião, no entanto, como nasci há um pouco mais de 30 anos, em Terras do Alto Minho, a razão pende a favor dos orientais.

Alguns de vós estarão a pensar que escolho a opinião oriental sobre maturidade de conhecimento, pelo meu interesse próprio. E muito provavelmente têm toda a razão...

Mas, quero sublinhar que quando me comecei a reunir com os ilustres cirurgiões deste e de outros países há mais de 30 anos, foi com o interesse de aprender, trocar conhecimentos, técnicas e ideias sobre experiências diversas e vivências diferentes, enriquecendo-me e contribuindo para o enriquecimento de outros.

Nunca tive interesse, nunca procurei, nunca forcei chegar a ser Presidente da Sociedade Portuguesa de Cirurgia. Se o fui durante estes dois últimos anos, a vós o devo, foram vocês que aqui me quiseram e que aqui me fizeram chegar.

Na hora de terminar o meu mandato como Presidente, agradeço-vos comovidamente a honra que me concederam, a confiança que em mim depositaram, e o apoio e a amizade que tantos me demonstraram. Muito e muito obrigado.



Aos membros da Direcção cessante, particularmente aos dois Vice-Presidentes, Professores Costa Almeida e Paulo Costa, e ao Secretário-Geral, Dr. Pedro Moniz Pereira, que me deram o acolhimento, confiança, apoio e amizade que eu tive a felicidade de ter, muito obrigado

Que os membros do clã continuem unidos e muito participantes e activos, e que continuem a contribuir com o seu testemunho para a recuperação e consolidação dos valores de que a nossa Sociedade e a Sociedade Civil em geral está tão depauperada, mas felizmente faminta, nestes tempos que percorremos.

Não pretendo ensombrar o ambiente ao lembrar os valores que nos faltam, mas que necessitamos de ajudar a recuperar e a consolidar.

Não, para nós, cirurgiões, a realidade é para se olhar de frente, ser encarada com verdade e sem medo: procurar sem demora, mas pensadamente, o caminho a seguir para reparar o que está mal e reconstruir o que deixou de existir, mas que é absolutamente necessário para a manutenção de uma boa qualidade de vida.

Para um cirurgião o treino incide em muitos e importantes aspectos. Um deles é adquirir o hábito de admitir a existência do erro, não o negar, encará-lo de frente, pensar sobre ele e sobre a solução a dar-lhe e decidir correctamente fazê-lo

Baixar os braços, negar a existência do erro, diminuir-lhe a importância e o impacto não fazem parte da personalidade dum cirurgião.

Um cirurgião diagnostica porque estudou, encara porque tem lucidez e coragem, não faz demais porque está errado, nem de menos porque errado está. Um cirurgião corrige o erro com decisão e sabedoria: na medida exacta do necessário. Nem mais, nem menos.

Numa época da História da Humanidade em que tantos se refugiam e vivem num mundo virtual de avatares, há muitos outros que se destacam porque marcam a diferença. Seres que são verdadeiramente humanos, que estão de pé perante os outros homens, com os pés bem assentes na terra e as mãos, o coração e a cabeça ocupados ao serviço dos que estão em sofrimento.

Os cirurgiões têm que ser contados entre estes últimos, pois, se assim não for, não passarão de homens ou mulheres licenciados em Medicina, uma parte dos que são apenas e tão só médicos tratantes que, por acaso, se inscreveram no Colégio de Cirurgia

Quero concluir, não para terminar, mas sim para abrir, voltando à imaginária inicial do rio que simboliza a Sociedade Portuguesa de Cirurgia, abrir para a consideração de meditar sobre todos estes assuntos e reafirmar a necessidade de continuarmos a construir uma sólida formação em cirurgia, manter os intercâmbios culturais e científicos, estimular a investigação e realização de trabalhos científicos, consolidar amizades, combater a inércia e absentismo a estas reuniões, convencer e persuadir os jovens a quererem escolher a cirurgia, manter acesa a discussão sobre os problemas mais éticos.

Desejo os maiores sucessos em todas estas vertentes à nova Direcção e deixo-lhe o seguinte pensamento: que este rio nunca seque, nunca ultrapasse as margens para destruir seja o que for, nunca esqueça a fonte donde nasceu, o percurso do leito onde já passou, que seja tranquilo, límpido, transbordante de vida e que vá sempre engrossando.

12 de Fevereiro de 2010

AMADEU PIMENTA

